

EDITORIAL

«(...) quando eu nasci, as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa - salvar a humanidade.»

(Almada Negreiros in *A Invenção do Dia Claro*)

A Guerra na Europa parecia ser impensável depois de 1945, escreve-se e ouve-se dizer.

A destruição implacável infligida por mãos humanas a um planeta já de si vulnerabilizado por epidemias e desastres alguns dos quais considerados «naturais», no dealbar do século XXI, e os esforços por parte das nações procurando promover por todos os meios a defesa da «Terra-mãe» para que esta pudesse/possa continuar a ser habitável e a ser casa para a humanidade, deveriam servir de garante para a união, assente na diplomacia, entre grandes e pequenos países no mundo, aos quais se faz essencial a liberdade e a democracia.

Inesperadamente e perante o pior cenário eis que o inimaginável se torna real.

As palavras de Anne Frank datadas 11 de abril de 1944: “Há-de chegar o dia em que esta guerra medonha acabará, há-de chegar o dia em que nós também voltaremos a ser gente como os outros e não apenas judeus” assumem novos sentidos com aquilatada e pungente expressão. Hoje a Ucrânia. Os limites ditados por contornos geográficos determinados e ratificados pela política internacional são questionados - face a questões de natureza político-militar - ameaçando o direito à soberania dos povos que, pela força, são obrigados a diásporas dramáticas perante o belicismo instalado.

Cidadãos do mundo, em marcha, alcançam países de acolhimento, numa trajetória que não sonharam e não caberia no desenrolar das suas vidas, em tempos de paz, como a única via rumo à sobrevivência, em tempos de guerra. Insondáveis os destinos de milhões que em périplos migratórios são, sabemos, sobretudo mulheres e crianças. E, pela simples razão de o serem, mais vulneráveis ainda se apresentam, apesar dos esforços para que os mais elementares Direitos Humanos sejam assegurados e os crimes de guerra julgados.

Lembramos o filme *La Vita e Bella* (Roberto Benigni -1999) e os múltiplos diálogos por ele permitidos, desta feita com cenários reais, como os que se vivem no Leste Europeu. A seu tempo a humanidade ajuizará e o trecho do filme *Hannah Arendt* (Margarethe von Trotta – 2012 <https://bit.ly/3qggHua>) sobre a banalidade do mal impõe-se, pensamos.

Estranha, se não inusitada, é a plateia de uma guerra a que assistimos «em directo», em «modo virtual» e quase ao minuto - a presença diária de notícias e de passagens comentadas vezes sem conta por especialistas, analistas políticos, em que continuamos sem certezas acerca de quase nada. Parecendo tudo ver em tempo real é tanto o que desconhecemos de incontáveis outras batalhas... e é nesse quadro que nos incitam a voltar às rotinas, apanágio de quem, tendo a paz assegurada tem de levar a vida por diante.

A *Herança, revista de História, Património e Cultura* prenunciava esta edição sob o signo da alegria, em virtude de termos obtido nova indexação, seguindo-se à SCOPUS – agora Emerging Sources Citation Index (ESCI), Clarivate Analytics WoS – Web of Science - apontando para o Dia Internacional da Mulher – celebrado a 8 de Março, fazendo jus a lutas que sendo porventura mais de umas são também de todos, lembrando que o dia 11 de Fevereiro serviu uma causa tangente – advogando uma maior participação das jovens, mulheres e raparigas na ciência. Na verdade, o mote: «A ciência não tem género» e «as carreiras não têm género» são aliadas da matéria subjacente ao volume que apresentamos, em torno da autoria feminina, da imprensa periódica e a questão candente – a (in) visibilidade da contribuição feminina na sociedade, na linha do tempo, nas diversas áreas de actuação e pelo mundo fora.

Animados pela organização de um Encontro Científico em que ombreámos no ano passado, surge clara a tendência deste novo número que agora trazemos até vós.

O presente volume abre com um *position paper* intitulado **“Maria Amália Vaz de Carvalho nas páginas de O Paiz (1884 – 1889): levantamento dos textos e notas iniciais de pesquisa”**, assinado por **Tânia Regina de Luca e Ana Cláudia Suriani da Silva**. O artigo resulta de um projecto de investigação “É preciso falar sobre as ausentes: mulheres cronistas na imprensa oitocentista” gizado a partir do acervo disponível na Hemeroteca Digital Brasileira e que, tal como o título do artigo deixa antever, visa mapear, neste caso, os textos da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847 – 1921) durante a colaboração desta em *O Paiz*. As investigadoras conduzem essa pesquisa pretendendo ao fim e ao cabo efectuar uma reavaliação da presença feminina na imprensa do final do século XIX e trazer um novo olhar sobre as vozes femininas silenciadas e esquecidas.

Segue-se-lhe “**Mary Shelley e a Sibila de Cumas: molduras proféticas no romance *The Last Man* (1826)**” por **Janile Soares** que se ocupa da escritora inglesa Mary Shelley (1797 – 1851) sendo *The Last Man* - publicado em 1826, o romance apocalíptico escolhido para análise. Nessa obra, em que se narra o fim da humanidade, um único sobrevivente escreve no seu diário como tudo aconteceu. Mary Shelley introduz-nos o mito da Sibila de Cumas e Janile P. Soares procura discutir a importância do texto que introduz a narrativa do romance, considerando a relação entre o mito da Sibila e as capacidades criativas de Mary Shelley.

A autoria feminina continua a ser moldura que enquadra o ensaio seguinte sobre a escritora brasileira Andradina de Oliveira (1864 –1935) – “***Divórcio?: Andradina de Oliveira e a voz transgressora na virada do século XIX – XX***”, de **Rosa Hood Gautério**. O livro, publicado em 1912, convida ao debate sobre as convenções, as leis e a moral, dando conta de casamentos que se realizam por conveniências de ordem socioeconómica e cujo desfecho redunda invariavelmente em vidas infelizes, observadas no contexto do cerceamento da liberdade feminina e da luta pelos direitos das mulheres.

É também dedicado à escritora oitocentista sul-rio-grandense o artigo seguinte “**A escrita de Andradina de Oliveira: testemunho de época**”, de **Salete Rosa Pezzi dos Santos** que nos oferece uma leitura sobre a vida e a obra, notável aos mais diversos títulos, bem como pela luta dessa na defesa dos direitos das mulheres. Andradina de Oliveira não foi, até há bem pouco tempo, reconhecida pela história oficial da literatura brasileira, no entanto colaborou na imprensa periódica coeva, nomeadamente no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisboa; 1851 – 1932), como a autora nos lembra. Destaque merece ainda a epígrafe com que o ensaio é iniciado, assinada por Zahidé Muzart (1939-2015) a reputada académica catarinense a quem o mundo tanto deve como pioneira na defesa da autoria feminina e idealizadora da Editora Mulheres.

Ainda com o olhar no âmbito da literatura brasileira do século XIX, encontramos o artigo “**Anália Vieira do Nascimento, uma porto-alegrense no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro**”, de **Cecil Jeanine Albert Zinani**. A escritora brasileira Anália Vieira do Nascimento (1854 – 1911), e sua colaboração no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, são mote para o ensaio. Anália teve uma presença assídua no *Almanaque*, por mais de vinte anos. Neste artigo são estudados a biografia de Anália, os textos publicados pela autora e a recepção à sua obra. Congratulamo-nos por ter sido dado à estampa, em 2017, na coleção «Senhoras do Almanaque», um volume a ela dedicado, assinado por Beatriz Weigert, que agora aqui lembramos e pode ser acessado no link seguinte: <https://bit.ly/3tiw6vJ>

Ainda no contexto da literatura do Sul do Brasil no século XIX surge o artigo “**Escrita feminina e engajamento social no sul do Brasil: as irmãs Melo e a luta pelos desvalidos**”, de **Luciana Gepiak**. Neste texto, Gepiak dá-nos o testemunho de duas escritoras brasileiras, irmãs, empenhadas em actividades literárias e lutas por causas

sociais – Revocata Heloísa de Melo (1853 – 1944) e Julieta de Melo Monteiro (1855 – 1928). Embora no século XIX a escrita feminina tenha tido um momento de grande difusão no Brasil, as irmãs Melo, a par de outras escritoras, tiveram de batalhar para ultrapassar diversos obstáculos a fim de exercerem as suas actividades literárias. Nesse sentido, a imprensa foi essencial para a divulgação da sua escrita. No Sul do Brasil, as irmãs Melo notabilizaram-se na vida literária e no activismo social e político. Este artigo assinala o activismo destas escritoras no Clube Beneficente de Senhoras.

Maria Eunice Moreira, assina o artigo “**Nélida Piñon: na ladeira íngreme da crítica, um sobe-e-desce de opiniões**” no qual discorre sobre o silenciamento da obra da escritora hispano-brasileira Nélida Piñon (n. 1937). Recorde-se que, apesar de ser dona de uma vasta obra, Nélida Piñon permanece, até há pouco tempo, como uma escritora pouco estudada e citada no Brasil. No seu ensaio, Maria Eunice Moreira analisa o que é mencionado pela crítica e procura trazer à luz as razões do silenciamento a que tem sido votada.

A fechar o número da revista *Herança* encontramos espaço para três recensões críticas. A primeira, “**As Pensadoras, vol. 1**”, tem a assinatura de **Rita de Cássia Fraga Machado** (fundadora da editora e coordenadora pedagógica da escola com título homônimo), apoiada por **Carmen Milly**, que nos dá a conhecer o volume que contém nove ensaios, foi organizado por vários autores e publicado em 2021. Este livro inaugural surge na esteira de “uma estratégia de difusão da produção acadêmica sobre feminismos.”

“**Um acerto de contas com o passado das escritoras do Rio Grande do Sul**”, por **Mauro Nicola Póvoas**, dá-nos a conhecer o livro *Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses* (2020), organizado por Maria Eunice Moreira, que foi, no ano passado, distinguido com o prémio Ages (Associação Gaúcha de Escritores) na categoria especial e que pode ser acessado aqui <https://bit.ly/3KRuiQf>. São nove as escritoras do elenco constituído e do qual fazem parte algumas autoras cujos ensaios integram o presente volume de *Herança*, nomeadamente Anália Vieira do Nascimento e Andradina de Oliveira.

A finalizar, publicamos a recensão “**Museus, lugares de autenticidade?**”. O texto oferecido pela historiadora **Maria Isabel Roque** permite um olhar sobre as actas do congresso internacional *Museen – Orte des Authentischen? Museums – Places of Authenticity?*, publicadas em finais de 2020, tópico que nos é tão caro e em modo quase antecipatório do número especial que prevemos editar já no próximo trimestre.

Por último queremos lembrar a importância de tantas organizações e movimentos que ao longo dos tempos se empenham em causas que trazem à luz desigualdades que, aos



mais diversos títulos, assolam a humanidade combatendo a sua perpetuação. Para nomear somente uma salientamos da ONU a CSW - *Comission on the Status of Women*, cuja 66.^a edição decorre em Nova Iorque, entre os dias 14 e 25 de Março, este ano dedicada ao tema: «Igualdade de Género no centro das soluções».

Pelo que afirmámos e até pela incerteza dos rumos que o mundo atravessa atrevemo-nos a convocar à leitura de poesia, tendo a nossa escolha recaído em Natália Correia e, naturalmente, na sua instigante ***Ode à Paz***

Isabel Lousada e Francisco das Neves Alves (Editor convidado)

18 de março 2022

Ode à paz

Pela verdade, pelo riso, pela luz, pela beleza,
Pelas aves que voam no olhar de uma criança,
Pela limpeza do vento, pelos actos de pureza,
Pela alegria, pelo vinho, pela música, pela dança,
Pela branda melodia do rumor dos regatos,

Pelo fulgor do estio, pelo azul do claro dia,
Pelas flores que esmaltam os campos, pelo sossego dos pastos,
Pela exactidão das rosas, pela Sabedoria,
Pelas pérolas que gotejam dos olhos dos amantes,
Pelos prodígios que são verdadeiros nos sonhos,
Pelo amor, pela liberdade, pelas coisas radiantes,
Pelos aromas maduros de suaves outonos,
Pela futura manhã dos grandes transparentes,
Pelas entradas maternas e fecundas da terra,
Pelas lágrimas das mães a quem nuvens sangrentas
Arrebatam os filhos para a torpeza da guerra,
Eu te conjuro ó paz, eu te invoco ó benigna,
Ó Santa, ó talismã contra a indústria feroz.
Com tuas mãos que abatem as bandeiras da ira,
Com o teu esconjuro da bomba e do algoz,
Abre as portas da História,
deixa passar a Vida!

(Natália Correia in *Inéditos*)